

Crítica às perspectivas conservatoriais: interfaces entre a educação musical em Portugal e no Brasil

Ana Luisa Fernandes Paz e Maurício Braz de Carvalho

Sobre o artigo

- Revisão bibliográfica
- Estudo de artigos publicados na revista da ABEM e na Revista Portuguesa de Educação Musical (da APEM)
- Comparação dos panoramas nos ensinos musicais em Portugal e no Brasil
- Discussão movida no Brasil pela Base Nacional Comum Curricular
- Proposta do artigo baseada na corrente social-realista, tomando como base sobretudo a obra de Young e Muller (2016)
- Três futuros da educação

“Futuro 1: refere-se à manutenção de um modelo formativo elitista e conservador, assente sobre uma concepção de conhecimento enrijecida, enciclopédica e a-histórica. As disciplinas são tomadas como cânone fixo, com conteúdos e métodos imutáveis e inquestionáveis, concorrendo via de regra para a naturalização das posições de privilégio mantidas por certos grupos sociais. Segundo os autores, tais paradigmas possuem origens longínquas, anteriores à própria massificação dos sistemas escolares – ou seja, remetem ao tempo em que a escola era deliberadamente destinada a poucos e “seletos” membros da sociedade;”

“Futuro 2: erguendo-se como oposição direta ao ideário anterior, envolve abordagens que priorizam o aprendente, suas experiências e percepções pessoais, centrando o debate epistemológico nas perguntas ‘conhecimento de quem?’ e ‘quem decide?’. Aponta, pois, para a crescente flexibilização das fronteiras entre as formas de conhecimento produzidas e adquiridas nos mais diversos contextos sociais. Em contraposição a conhecimentos tomados de forma rígida, estanque e excludente (Futuro 1), passamos à gradativa dissolução de quaisquer diferenciações – seja entre as múltiplas formas de apreender / “conhecer” a realidade, seja entre as distintas disciplinas escolares, seja, ainda, entre aquilo que se aprende na escola e aquilo que se adquire nas numerosas vivências socioculturais;”

“Futuro 3: face ao que percebem como dilemas e insuficiências dos modelos anteriores, os autores propõem a possibilidade de que fronteiras sejam, simultaneamente, mantidas e constantemente desafiadas, exploradas, transformadas. Nesta chave, e tendo em vista promover o desenvolvimento intelectual dos estudantes, cabe à escola realizar um duplo movimento: de um lado, oportunizar um contato rico e aprofundado com os diversos campos de conhecimento, possibilitando que eles se apropriem de conteúdos e conceitos significativos dentro das distintas disciplinas; em paralelo, e explicitando aos estudantes o caráter social da produção de quaisquer conhecimentos, instigá-los todo o tempo no sentido de manipular e ressignificar tais patrimônios culturais/intelectuais, cruzando as fronteiras e demarcações já existentes, pondo à prova os marcos de entendimento vigentes, e produzindo conhecimento novo. “

Críticas às perspectivas conservatoriais

- Tais perspectivas têm afinidade ao futuro 1
- Antissociais e elitistas, com fronteiras fixas entre os conhecimentos
- Cristalizam certo repertório, modo de fazer musical e valores culturais como naturais e inquestionáveis
- Pouco interessadas em debater o conteúdo e suas condições
- Mecanismo de manutenção de dominações
- Ramificada em “teoricismo, carência de um sentido efetivamente musical, excessiva centralidade no professor, caráter socialmente excludente e ideologia do gênio/talento inato”

Críticas às perspectivas conservatoriais

- Teoricismo é interpretado como manifestação do futuro 1 e criticado como ideológico por naturalizar um grupo de práticas e valores idealizados há séculos como norteadores *da* educação musical
- Caráter intelectualista, com exercícios muito formais e abstratos
- Aspectos teóricos só devem ser abordados à medida que se mostrarem necessários, atrapalhando o processo caso contrário
- Aprendizagem formal x informal de Lucy Green

Críticas às perspectivas conservatoriais

- Teoricismo e centralidade do professor correspondem à noção freireana de “educação bancária”
- Centralidade do professor também perpetua estruturas de ensino aprendidas pelo próprio professor
- Deslegitimação de práticas musicais além da clássica, na visão contrastante entre erudito/ocidental (positivo) versus popular/regional/não ocidental (negativo)
- Música clássica cristalizada como universal
- Desafio da superação de ideais elitistas dos próprios professores

Propostas de uma nova educação musical

- Criação musical como parte importante de um novo currículo para contrapor o paradigma do gênio compositor portador de uma faísca divina
- Musicalidade e criatividade não sendo dons especiais, mas habilidades capazes de serem ensinadas nas escolas
- Desafios dos países europeus de incorporar culturas imigrantes
- Fornecer aos alunos capacidade de navegar pelas fronteiras do conhecimento
- Currículo que não deve apresentar conteúdos como verdade absoluta

Como deve ser então a educação musical?

- Quais são os objetivos da educação musical nas escolas?
- Como deve ser o currículo?
- Quais conteúdos devem ser ensinados?
- Até que ponto teoria e prática se complementam nesse ensino?